



01 a 04 de  
OUTUBRO  
EVENTO GRATUITO

# IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE  
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO  
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

## CORPOTERRITORIALIZAÇÃO: DOCUMENTÁRIO FALAS DA TERRA E LIVRO WEIYAMÎ – MULHERES QUE FAZEM SOL

### *CORPOTERRITORIALIZAÇÃO: DOCUMENTARY FALAS DA TERRA AND BOOK WEIYAMÎ – MULHERES QUE FAZEM SOL*

Samuel Carlos Melo (UEG)<sup>1</sup>

Thaiane Gomes de Oliveira (UEG)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa investigar a correlação do documentário Falas da Terra (2024) e do livro Weiyamî – Mulheres que fazem sol (2022), utilizando um exercício dos estudos comparados. A pesquisa propõe uma revisão da literatura que aborda conceitos, teorias e perspectivas relacionadas aos indígenas brasileiros, explorando temas, símbolos, metáforas e linguagem utilizados por Sony Ferseck e pela direção do documentário, em suas expressões artísticas. Assim, buscar-se-á identificar e compreender a corpoterritorialização trabalhada nas obras citadas. Para embasar essa investigação, serão utilizadas teorias, como as de Márcia Kambeba (2020) e Ailton Krenak (2019), entre outros, que abordam a construção das estruturas sociais de poder e, além disso, a teoria da imagem, descrita por Alfredo Bosi (2000), para delinear a capacidade da poesia de Ferseck em criar imagens simbólicas que impulsiona o ser indígena.

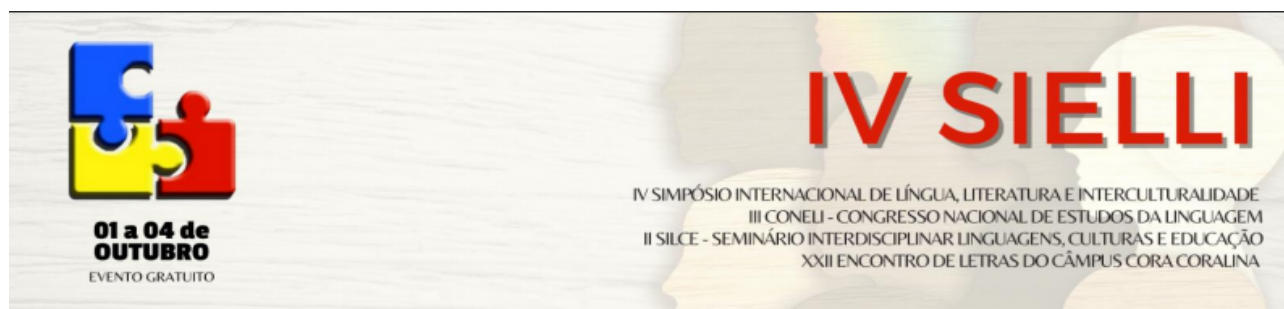
**Palavras-chave:** Indígena. Corpoterritorialização. Poesia. Documentário.

**Abstract:** This article aims to investigate the interconnection of the documentary Falas da Terra and the book Weiyamî – Mulheres que faz sol, using the comparative studies. The research proposes a review of the literature that addresses concepts, theories and perspectives related to Brazilian indigenous people, exploring themes, symbols, metaphors and language used by Sony Ferseck and the documentary's direction, in their artistic expressions. Plus, it will seek to identify and understand corpoterritorialization, worked in the artistic items mentioned. To support this investigation, theories will be used, such as those of Márcia Kambeba, Ailton Krenak and others, which address the construction of social structures of power, and in addition, the theory of image, described by Alfredo Bosi, to outline the capacity of poetry of Ferseck in creating symbolic images that promote the indigenous being.

**Keywords:** Indigenous. Corpoterritorialization. Poetry. Documentary.

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG/ Poslli). E-mail: [samuel.melo@ueg.br](mailto:samuel.melo@ueg.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Literatura pelo POSLLI (Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade). Os interesses de pesquisa estão relacionados a Literatura, Literatura de língua inglesa, estudos feministas, estudos de gênero e estudos da poética. E-mail: [thaianegoliver@gmail.com](mailto:thaianegoliver@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

A literatura e as produções audiovisuais têm se revelado veículos importantes para a preservação e a divulgação das culturas indígenas no Brasil. Estes contribuem para a valorização e o reforçar das identidades indígenas diante das adversidades históricas e contemporâneas. Nesse contexto, o documentário *Falas da Terra* (2024) e o livro *Weiyamî - Mulheres que Fazem Sol*, de Sony Ferseck (2022), emergem como obras que promovem um diálogo profundo sobre a corpoterritorialização, um conceito chave na compreensão das relações entre a constituição física, a identidade e o território indígena.

Ambas as obras destacam a indissociabilidade entre o corpo indígena como território, refletindo uma perspectiva onde o espaço físico e o corpo são entendidos como extensões um do outro, essenciais para a manutenção da cultura e da identidade dos povos indígenas.

O documentário, *Falas da Terra* (2024), oferece um olhar sensível e revelador sobre a realidade indígena no Brasil contemporâneo, trazendo vozes e narrativas que são silenciadas ou marginalizadas na sociedade. Por intermédio dos depoimentos, imagens e cenas cotidianas, a obra explora a vida, a resistência e a luta dos povos indígenas por seus direitos territoriais e culturais. A narrativa visual do documentário convida o público a refletir sobre a importância do território não apenas como um espaço geográfico, mas como um elemento vital para a existência da identidade dos povos indígenas.

Paralelamente, o livro *Weiyamî - Mulheres que Fazem Sol* (2022), de Sony Ferseck, celebra a força e a resiliência das mulheres Macuxi por via de poemas envolventes. Finalista do Prêmio Jabuti, a obra destaca o papel crucial dessas mulheres na preservação e transmissão do conhecimento ancestral, bem como na resistência contra as injustiças e a violência que afetam suas comunidades. O livro, ainda, reitera a corpoterritorialização ao mostrar como as mulheres indígenas, utilizando-se de suas práticas cotidianas e culturais, mantêm viva a ligação inseparável entre o corpo e o território.

Este artigo tem como objetivo explorar a intersecção entre a película de registro e a obra literária, dispondo o conceito de corpoterritorialização como lente teórica central. Ao examinar



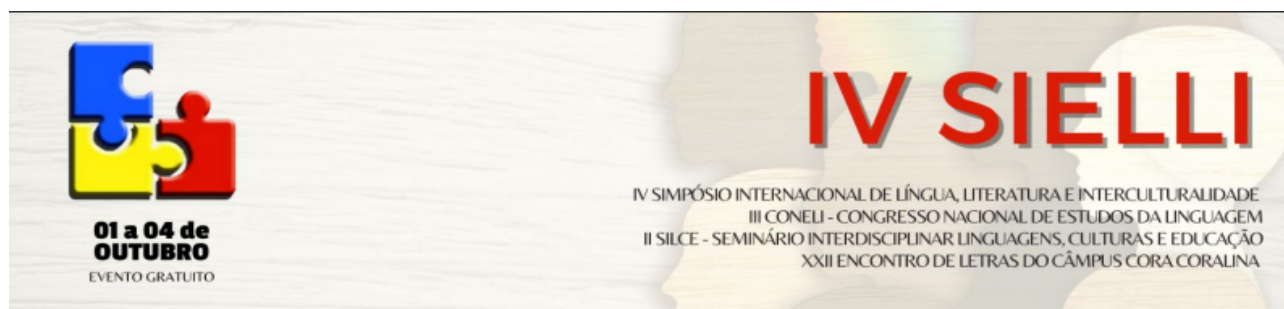
como ambas as obras representam a conexão íntima entre o corpo indígena e o território, pretende-se revelar as estratégias narrativas e poéticas que contribuem para a resistência e a afirmação da identidade dos povos originários. Outrossim, a abordagem comparativa permitirá um discernimento mais amplo das distintas formas de expressão artística e literária, evidenciando como elas se complementam e enriquecem a compreensão da cultura e da resistência autóctone no Brasil.

## **CORPOTERRITORIALIZAÇÃO OU CORPO-TERRITÓRIO**

Ao longo de mais de quinhentos anos, os povos indígenas brasileiros têm enfrentado um contínuo processo de apagamento cultural e social. Atualmente, não obstante, as vozes que historicamente foram silenciadas estão emergindo com vigor para reivindicar seu lugar de fala, buscando a preservação e o reconhecimento de suas identidades culturais. A fim de compreender, de forma menos superficial, o documentário *Falas da terra* e a poesia de Sony Ferseck (2022), retirada do exemplar *Weiyamî – Mulheres que fazem sol*, é relevante, para o presente artigo, entender a significação do corpo-território, um termo moldado pelas mulheres indígenas, para os povos indígenas.

Segundo Márcia Wayna Kambeba (2020b) — uma destacada poeta, escritora e ativista, do povo brasileiro Tikuna —, corpoterritorialização é a fusão íntima e indissociável entre o corpo humano e o território. Esta noção vai além da simples ocupação de um espaço geográfico; é uma interconexão ancestral, cultural e identitária que define a existência e a resistência dos povos indígenas. Em conformidade com a poeta Tikuna, o território não é apenas o solo onde se vive, mas uma extensão vital do corpo e da alma dos nativos. O mesmo é sagrado, abrigando não só os seres vivos, mas também os espíritos antepassados e as forças vitais que sustentam a vida. Esse vínculo espiritual é central para a corpoterritorialização, pois os povos originários veem a terra como um ser vivo, com quem compartilham uma relação de respeito e reciprocidade. Segundo Kambeba,

O território é o lugar onde se tem uma rede de relações envolvendo saberes: econômico, sociocultural, político e por isso é sagrado. [...] A natureza é mãe e nos alimenta, por isso, há por parte das populações indígenas e dos que vivem às margens dos rios uma preocupação quanto ao tratamento que se está dando a esse recurso preciso a humanidade. (Kambeba, 2020a, p. 62).



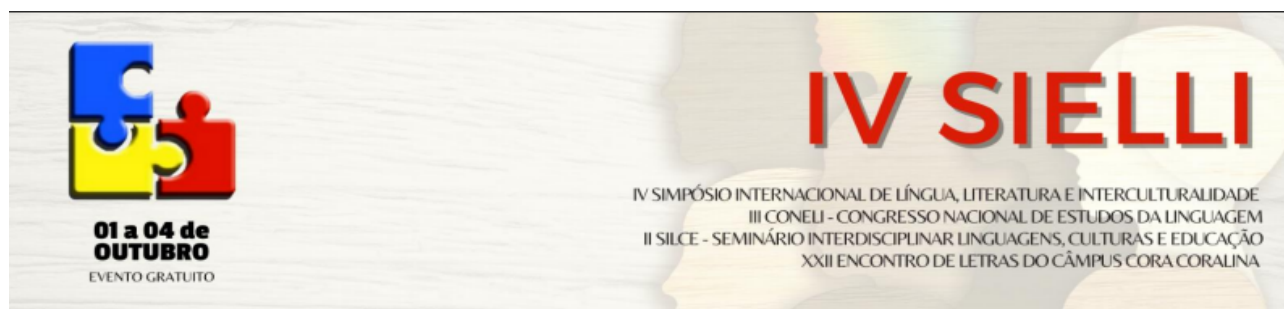
Infere-se o território como um ser sagrado e vivo, habitado por espíritos ancestrais e energias vitais. Esta visão da terra é uma característica central do corpo-território, a matéria humana e a extensão terrena são inseparáveis (Kambeba, 2020b). Este conceito, conforme articulado acima, desafia as perspectivas ocidentais e capitalistas sobre área territorial. Em virtude da relação deste com o corpo, se dá a entender que o “território pode também ser imaginário e até mesmo sonhado. E, pensando nesse imaginário, nesse sonho que sua construção tem início” (Kambeba, 2020a, p. 63). Dessa maneira, o corpo é tido como um grande território, detentor de identidade, história, passado e futuro. Assimilado o conceito básico da corpoterritorialização, segue-se para o exercício de estudos comparados.

### **FALAS DA TERRA E WEIAMÎ – MULHERES QUE FAZEM SOL**

O documentário Falas da terra (2024) é uma produção da Rede Globo, produzida e estrelada por profissionais indígenas. A filmagem começa com uma experiência em que alguns brasileiros não indígenas são convidados a descrever o local onde ocorrem as tragédias apresentadas nas manchetes, como em: “Em guerra que já dura séculos, cidadão é queimado vivo em plena rua”. Os participantes apontam países como Ucrânia e Israel como o cenário dessas tragédias, mas logo depois descobrem que esses eventos, na verdade, ocorrem em solo brasileiro. Nessa correlação, o documentário estabelece um diálogo com o que Ailton Krenak descreve em seu livro Ideias para o fim do mundo:

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais — sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros (Krenak, 2019, p. 21).

Identifica-se nesta explicação a denúncia da incapacidade histórica do Brasil de reconhecer seus habitantes originários e a perpetuação de práticas desumanas, com os próprios. O documentário, ao trazer essas questões à tona, reforça a necessidade urgente de reconhecer e respeitar os direitos dos povos descendentes da terra, além de promover uma transformação profunda na mentalidade coletiva brasileira.



Em suma, o documentário é, *idem*, uma ilustração do conceito de corpoterritorialização. No decorrer de suas narrativas visuais e depoimentos emocionantes, a transmissão documental expõe a interconexão profunda entre a compleição humana indígena e o território que habita. Sem embargo, o audiovisual expressa com clareza o assalto que a sociedade não indígena deixa nos corpos nativos, promovendo uma perda de suas identidades, de seus corpos, logo, de seus territórios. Assim como descreve Nazaré Mura: “O que mais me marcou, que até hoje me traz tristeza. Foi de um tempo que eu fui trabalhar no centro, vendendo bombom, grávida do meu filho, onde eu sofri um abuso, mesmo grávida”. (Mura, Falas da terra, 2024, Herzog, 08:25).

As deposições dos protagonistas no filme informativo são fundamentais para entender que a terra é parte intrínseca de suas identidades, espiritualidades e modos de vida. A relação sagrada com o território é visível nas tradições culturais e na luta incessante pela preservação de suas identidades. Como se entende, dessarte, com Laura Ribeiro: “Eu me orgulho de ser indígena porque eu sei que as minhas raízes sobrevivem ao concreto. Toda essa cultura que tentou ser silenciada, tentou ser apagada, reviveram dentro de mim, no meu corpo, no meu tronco” (Ribeiro, Falas da terra, 2024, Herzog, 21:00).

O documentário também explora as práticas réprobas e a violência estrutural que as etnias nativas nacionais enfrentam, ecoando as ideias de Ailton Krenak sobre a persistência de uma mentalidade colonial no Brasil. A resistência dos povos indígenas, como exibido em Falas da Terra (2024), é um testemunho da corpoterritorialização, onde a defesa da localidade térrea é inseparável da defesa da própria estrutura corporal e da cultura. Esta reação de defesa se manifesta não apenas na luta contra invasões e desmatamentos, mas, também, na celebração e manutenção das tradições e conhecimentos ascendentes.

Falas da Terra (2024), por conseguinte, não só documenta a realidade indígena no Brasil, mas também leva o corpo-território em sua descrição. Salientando como a progênie originária e a extensão terrena natural formam uma unidade indissolúvel, essencial para a existência e a identidade dos povos nativos. O audiovisual é um convite para refletir a cultura indígena, e isto posto, o presente artigo, conforme a teoria Literatura Comparada, de Tânia Franco Carvalhal



(2006), busca ver esse contato da descrição em dadas realidades com a poesia de Sony Ferseck (2022).

A abordagem teórica de Tania Franco Carvalhal (2006) visa entender as relações entre literaturas dessemelhantes, culturas e tradições, explorando as interações e influências mútuas que moldam as obras literárias. Ainda sobre a referente, propõe-se que a Literatura Comparada deve transcender as fronteiras nacionais e linguísticas, permitindo uma análise mais abrangente e enriquecedora das produções literárias. Enfatizando a importância de lucubrar o contexto histórico, social e cultural das obras, bem como os diálogos que se estabelecem entre textos de diferentes origens, este enfoque comparativo busca revelar as complexidades e as múltiplas camadas de significado presentes nas obras literárias:

Nessa perspectiva, cada obra lê a tradição literária, prolonga-a ou rompe com ela de acordo com seu próprio alcance. A noção de originalidade, vista como sinônimo de "geração espontânea", criação desligada de qualquer vínculo com obras anteriores, cai por terra. Na verdade, os conceitos de originalidade e individualidade estão intimamente vinculados à idéia de subversão da ordem anterior, pois o texto inovador é aquele que possibilita uma leitura diferente dos que o precederam e, desse modo, é capaz de revitalizar a tradição instaurada. (Carvalhal, 2006 p. 63).

A literatura comparada, em consonância com Carvalhal (2006), não se restringe à simples comparação de textos, todavia envolve uma investigação das relações interculturais e das dinâmicas de poder que influenciam a produção e a recepção literária. Sua abordagem valoriza tanto as semelhanças quanto às diferenças entre as obras, promovendo um diálogo contínuo e frutífero entre culturas diversas. Além disso, a comparatista defende uma abordagem interdisciplinar na literatura comparada, incorporando elementos de outras áreas do conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a história e as artes visuais. A doutora acredita que essa perspectiva multidimensional enriquece a análise literária, permitindo uma compreensão mais completa das obras e de seu impacto cultural.

Isto posto, vê-se que Sony Ferseck (2022), doutora em Estudos Literários, é uma escritora indígena brasileira cuja obra tem desempenhado um papel fundamental na literatura contemporânea, especialmente no que diz respeito às narrativas dos naturais de Roraima, assim como no documentário supracitado. Por sua formação acadêmica, a poeta combina sua erudição com uma



profunda conexão às tradições orais e às histórias de vida dos povos originários. Sua escrita é caracterizada pela integração de elementos culturais indígenas, de identidade e relação com a terra. Em sua obra, a autora referenciada, aborda temas complexos como a violência contra estas populações, a perda de território e a luta pela preservação cultural, utilizando uma linguagem poética que reflete a corpoterritorialização – unidade estudada acima.

O livro *Weiyamî - Mulheres que Fazem Sol* de Sony Ferseck (2022) foi finalista do Prêmio Jabuti e é uma obra que celebra a força e a resiliência das mulheres Macuxi, em seus treze poemas. Através de poemas, a responsável pela obra explora as vidas e as lutas dessas mulheres que desempenham um papel crucial na preservação e transmissão do conhecimento avito, como descreve Julie Dorrico:

Os versos deste livro vêm de longe, do tempo dos ancestrais, para consagrar as mulheres makuxi: vós, netas, pajés, mães, amantes, meninas-moças, todas filhas de Wei, da Sol. Sob breves cerimônias, de cantos e danças, são invocadas as heroínas *Weiyamî* e o herói *Makunaimî* para cumprir um ritual de cura, de que tanto precisamos nestes tempos, e celebrar tudo o que nos apetece – damorida, jenipapo, tabatinga, palha de inajá. (Dorrico, 2022 p. 5).

A obra destaca a importância dessas mulheres como guardiãs de suas culturas e como protagonistas de uma bela ancestralidade. Os poemas de Ferseck (2022) são tanto uma homenagem, quanto uma denúncia das práticas desumanas que ameaçam os povos indígenas e traz à luz a corpoterritorialização, convidando os leitores a refletirem sobre a inseparabilidade entre o corpo autóctone e seu território, reforçando a importância de preservar essas culturas territoriais como parte vital da identidade e da resistência dos povos susoditos.

Para que seja possível analisar a ligação do que os indígenas protagonistas do documentário *Falas da Terra* reconhecem como corpo-território e o que a poesia de Ferseck desperta, vê-se a seguir:

Roraima

Nem preta nem branca  
Fugi da minha tribo  
Para me perder no lavrado  
Me refugiar ao Sol  
Pintar de castanho  
num deleite brando



**01 a 04 de  
OUTUBRO**  
EVENTO GRATUITO

# IV SIELLI

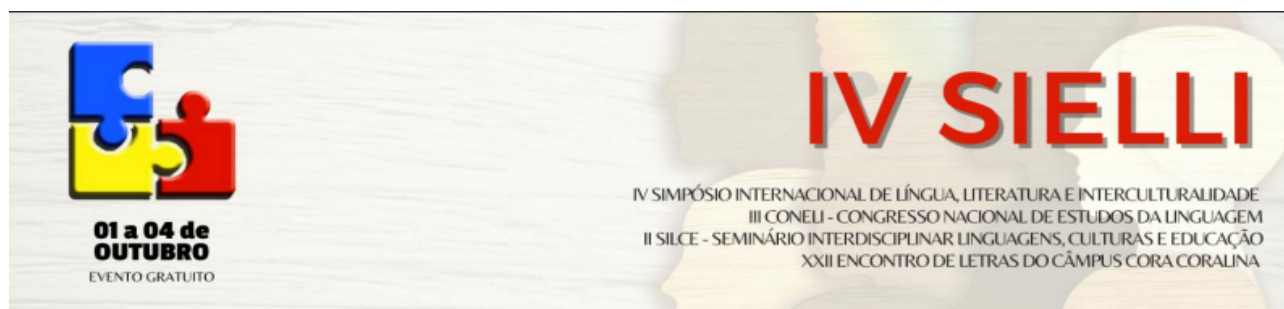
IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE  
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO  
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

Sinuosa cor de tocar  
Haja espelho em que me veja:  
Boa Vista linda meu luar!  
A brincar com a cor dos meus cabelos  
Com meu jeito de cantar.  
Em cantos de Makunaima  
A manchar de camu-camu tua cor  
Encher de damurida teu sabor,  
teu ardor  
Espere em Rora-ímãl  
Antes da luz coroar  
Para que antes de partir  
Leve em seu peito (forasteiro)  
A muiraquitã que vou lhe ofertar.  
(Ferseck, 2022, p. 53)

O poema Roraima é uma celebração rica e complexa da identidade, do território e da cultura indígena Macuxi. Consoante Michel Collot (2020), o lirismo é transpessoal, ou seja, a poesia, não é formada apenas por um ser fechado, assim como um poeta não se formulou por si. Os poetas recebem influência do seu viver no mundo e isso é traçado em suas escritas. Diante disto, é possível enxergar que a escrita da poeta sobredita a leva para esse ponto, dado que: “É raro o sujeito cantar só sua pessoa, fora da exaltação que confere seu encontro com Deus, com o outro, com o mundo ou com a língua.” (Collot, 2020, p. 175). Diante disso, para compreender melhor as camadas de significado presentes no poema, serão analisados trechos específicos. Do primeiro ao quarto verso:

Nem preta nem branca  
Fugi da minha tribo  
Para me perder no lavrado  
Me refugiar ao Sol  
(Ferseck, 2022, p. 53)

O poema principia com uma questão central de identidade mestiça, desafiando a dicotomia racial tradicional, e dispondo de uma crítica à memória coletiva brasileira de apagar o ser indígena, concordando com o que diz, no documentário Falas da terra, a educadora de etnia nativa Vanda Witoto: “O silenciamento da minha bisavó, o silenciamento da minha avó, do meu pai, de toda a nossa família. De três gerações que precisou ficar em silêncio no Brasil, para que a nossa geração pudesse falar hoje.” (Witoto, Falas da terra, 2024, Herzog, 06:58).



A escolha de "fugir da minha tribo" sugere um afastamento obrigatório do seu território, por conta das convenções impostas, de não ser aceitável levar a vida como indígena, no Brasil. Adita em "Me perder no lavrado", que instiga o leitor a ver o afogamento do corpo indígena para uma sociedade que o exonera de seu próprio local, do seu corpo, assim como se percebe na fala de Rynna Payayá: "O Brasil foi construído em cima do roubo de terras e esses roubos de terras só foram possíveis por conta desse apagamento." (Payayá, Falas da terra, 2024, Herzog, 06:49). Em "Me refugiar ao sol", observa-se o desejo do eu lírico de se reconectar com a divindade Wei, simbolizada pelo sol na cultura Macuxi. Essa busca representa a procura de um sol que, diferentemente do lavrado que o castiga, ofereça abrigo, cuidado e respeito.

Partindo para o quinto verso em diante:

Pintar de castanho  
num deleite brando  
Haja espelho em que me veja:  
Boa Vista linda meu luar!  
(Ferseck, 2022, p. 53)

A imagem que a poesia é capaz de criar vai além do mero retrato visual, segundo Alfredo Bosi (2000), alcançando uma dimensão simbólica e sugerindo significados mais profundos. Ao se ler "pintar de castanho", reflete uma transformação simbólica onde a cor castanha sugere uma fusão do ser indígena com a sociedade do concreto. De maneira que em "Deleite brando" implica uma aceitação do outro, do ser não indígena, mesmo com a rigidez vinda da palavra "brando", que traz a ideia de precisar se esvaír da sua forma de viver, para sobreviver na sociedade de consumo.

Seguindo a leitura, tem-se "Sinuosa cor de tocar", que evoca a forma curvilínea em que as cores de Boa Vista, descrita abaixo, sensibiliza o eu lírico, já que nesse momento reconhece a cidade como seu lar. Portanto, "Haja espelho em que me veja" informa que mesmo diante de uma sociedade não indígena, querendo afugentar a cultura do eu lírico, fazendo alusão aos espelhos dos portugueses no fatídico momento da chegada ao Brasil, o ser indígena traz seu eu para a cidade, e grita "me veja", pois "Boa Vista linda meu luar" personifica a capital de Roraima como uma casa íntima e transculturada para esse eu lírico.



Prosseguindo para o décimo verso se tem:

A brincar com a cor dos meus cabelos  
Com meu jeito de cantar.  
Em cantos de Makunaima  
(Ferseck, 2022, p. 53)

Nesses versos livres, em que o eu lírico sugere o “brincar” com sua cultura e espiritualidade, lembra ao que o artista Amadeu Sateré Apurinã relata: “Sofri preconceito durante meu período de ensino médio, que eu chegava com as minhas mãos pintadas de jenipapo nas escolas e eu era malvisto por isso. [...] Eles (os não indígenas) criam um padrão nosso” (Amadeu Sateré Apurinã, Falas da terra, 2024, Felipe Herzog, 07:25). Entende-se uma interação entre a ideia do corpo como território, tanto no poema, quanto na fala do documentário, em que o ser indígena precisa, por conta da opressão social, se desfazer do seu interior, de suas tradições e de seu exterior, seus grafismos e adornos, dessa maneira, assaltando seu corpo-território. No poema, se tem, ainda, o apontamento de Makunaima, divindade indígena Macuxi, que habita o monte Roraima, mostrando o despertar do eu lírico para a resistência de manter sua identidade, independente das zombarias dos não indígenas.

Ao avançar para o décimo terceiro verso, acha-se:

A manchar de camu-camu tua cor  
Encher de damurida teu sabor,  
teu ardor  
(Ferseck, 2022, p. 53)

O uso de "camu-camu", fruto amazônico de cor avermelhada e "damurida", prato indígena temperado com pimentas, tradicional do povo Macuxi, reforça a ligação íntima entre o ser originário e reforça a ideia da imersão nas tradições e sabores, repercutindo a sua própria identidade e forma de viver. Pois, a oito:

Espere em Rora-ímã  
Antes da luz coroar  
Para que antes de partir  
Leve em seu peito (forasteiro)



A muiraquitã que vou lhe ofertar.  
(Ferseck, 2022, p. 53)

Nesse trecho a poesia mostra o conversar do eu lírico com sua cidade e os habitantes da mesma, já que "Rora-ímã" na língua Macuxi é o monte verde ou amarelo, localizado em Roraima, em Makuxi maimu, de acordo com a nota da autora Sony Ferseck (2022). Em "Antes da luz coroar", refere-se ao amanhecer, simbolizando um novo começo. Há um senso de urgência e expectativa, com a promessa de uma experiência transformadora antes da partida; para o que no poema se chama "forasteiro", no qual o eu lírico se põe no lugar de parte dos povos, que povoavam aquele local muito antes dos não indígenas, que o habitam hoje.

Os versos finais oferecem um presente simbólico, a muiraquitã, amuleto tradicional, que representa a proteção. Objeto que o indígena oferece ao forasteiro, como forma de demonstração de não querer uma guerra, mas sim respeito por seu corpo e território, este gesto representa a transmissão de conhecimento, proteção e identidade cultural. É um convite a levar consigo um pedaço da cultura e da sabedoria indígena, reforçando a corpoterritorialização e a importância da preservação cultural. Assim posto por Jiru Pataxó: "A gente sabe dividir, a gente sabe compartilhar espaço [...]. A gente sabe dividir o amor, a gente sabe respeitar todos" (Pataxó, Falas da terra, 2024, Herzog, 22:43).

Em suma, através de uma análise do poema Roraima de Sony Ferseck (2022) e de trechos do documentário Falas da terra, revela-se a identidade e a cultura indígena como (re)existentes. Essas produções contribuem para a construção de uma narrativa rica em simbolismo, destacando a corpoterritorialização, e abre os olhares dos não indígenas a esse respeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre o documentário Falas da Terra (2024) e o livro Weiyamî - Mulheres que Fazem Sol, de Sony Ferseck, revela a profundidade e a complexidade das representações da corpoterritorialização na cultura nativa brasileira. Ambas as obras oferecem perspectivas distintas e complementares sobre como o corpo e o território são entrelaçados na formação da identidade e na resistência dos povos indígenas.



Ambas as obras, apesar de suas diferenças de formato e abordagem, convergem em seu compromisso em ampliar a compreensão pública sobre as questões dos povos originários do Brasil e em fortalecer a luta por direitos e reconhecimento. Ao explorar a intersecção entre corpo e território, *Falas da Terra* e *Weiyamî - Mulheres que Fazem Sol* oferecem contribuições significativas para os estudos literários e cinematográficos, ao mesmo tempo em que afirmam a vitalidade e a resiliência das culturas autóctones frente aos desafios contemporâneos.

Em última análise, o presente estudo comparado dessas obras não apenas enriquece o discernimento das complexidades da corpoterritorialização na cultura indígena brasileira, mas também destaca a importância contínua de amplificar as vozes e as histórias indígenas em um contexto global. O diálogo entre o documentário e a literatura revela-se, assim, uma poderosa ferramenta para a promoção da visualização social, da valorização cultural e da construção de um futuro mais abrangente e respeitoso para todos os povos do território nacional brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 6, 2000.

BARBOZA, Myrian Sá Leitão; TUKANO, Larissa Duarte Ye'padiho; WAIWAI, Jaime Xamen. "Corporeoterritorialização" Katukina: lampejos etnográficos sob as perspectivas femininas indígenas. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 11, n. 2, 2019.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. In: **Povos indígenas no Brasil**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

COLLOT, Michel (2004) O sujeito lírico fora de si. **Terceira margem**, 8(11), 165-177.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FERSECK, Sony. **Weiyamî–Mulheres que fazem sol**. Boa Vista, RR: Wei Editora, 2022.



**FALAS DA TERRA.** Direção: Felipe Herzog. Direção artística: Antonia Prado. Roteiro: Micheline Alves, Daniel Munduruku, Verônica Debom. Elenco: Zahy Tentehar, UÝRA. Brasil: Rede Globo, 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2020a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Corpo Território. **Recanto das Letras**, 2020b. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/7023473>. Acesso em: 21 de jun. de 2024.